



# O Novo Instituto do Departamento de Defesa: Ocupe o seu Lugar à Mesa

**Kenneth A. LaPlante**

**M**EU PAI, como tantos outros dos anos 50 e 60, sempre me dizia que, se você quer vencer no jogo, tem que jogar. Mais tarde como oficial no Exército, grande número de oficiais superiores e mentores fizeram semelhantes declarações: para fazer o gol você deve chutar a bola, para vencer a luta você tem que entrar no ringue. Com relação às forças militares nas Américas já foi dito que se quiserem dialogar e ter influência devem sentar à mesa e entabular conversa com os outros membros. O governo dos EUA até faz menção desta noção em sua Estratégia de Segurança Nacional — chamando-a de engajamento. Quando existe a necessidade para agir ou prestar assistência, alguém pode fazê-lo por você, mostrar-lhe como é feito ou então ensiná-lo como fazer e, depois você, poderá ensiná-lo também ou deixar que outros o façam. Para mim trata-se de uma escolha simples: ensine-me.

Os oferecimentos americanos de educação e treinamento de pessoal estrangeiro, no exterior ou em casa, são algumas das atividades internacionais de valor dos EUA (engajamentos) para promover as relações bilaterais e multinacionais, ensinando outros a agirem por si próprios. Os meios educacionais e de treinamento militar dos norte-americanos produzem graduados não somente melhor educados e informados, mas também permitem o estabelecimento de uma relação mútua benéfica entre indivíduos (relacionamentos pessoais) e são quase sempre proveitosas às nações participantes (relacionamentos profissionais). Programas de educação e treinamento militar no exterior, oferecidos pelos EUA, permitem a civis, assim como a militares, a oportunidade e o ambiente para que pessoas de culturas diferentes avancem no conhecimento e na compreensão individuais das semelhanças e diferenças existentes entre as nações sobre assuntos de interesses similares ou idênticos. Este

benefício, relativamente pequeno, serve para aumentar, em muito, o potencial de sucesso caso esses indivíduos sejam chamados a operarem juntos ou a dependerem uns dos outros. É um sistema que funcionou no passado; funciona hoje e continuará funcionando no futuro.

O militar dos EUA tem mantido este tipo de foro, a educação e o treinamento militar profissional, durante muitos anos. Porém, o conceito espalhou-se a numerosas instituições militares dos EUA desde a II Guerra Mundial (II GM), com muitas localizadas na antiga Zona do Canal do Panamá, ao mesmo tempo que os EUA tomavam as rédeas da liderança mundial e começavam a demonstrar uma metodologia de como melhor fornecer treinamento e educação pessoal e profissional.

Durante o século XX, as Forças Armadas da Alemanha e França haviam se entrincheirado firmemente na América Latina como peritos em assuntos militares. Em conseqüência, as forças de segurança da região contavam com suas doutrinas, recursos e lições. Porém, os EUA pós-II GM tornaram-se líderes mundiais e as Forças Armadas norte-americanas começaram a desenvolver programas sem precedentes de atividades internacionais para suprir as necessidades de treinamento e educação profissional de outras nações, incluindo dar suporte a pedidos para modernização, assistência e cooperação. Desde então, os EUA nunca negaram esta imensa responsabilidade. Mas enquanto este país procurou ajudar o resto do mundo a melhorar e avançar, nunca o fez negligenciando os seus cidadãos. A estratégia sempre focalizou primeiro, a preservação e melhora do meio de vida americana e, depois, prestar ajuda aos demais.

A política externa dos EUA tem enfocado melhorar e proteger sua postura de segurança nacional, sua prosperidade econômica e o sistema democrático, enquanto busca oportunidades similares, senão iguais, para seus

---

***A política externa dos EUA tem focado melhorar e proteger sua postura de segurança nacional, sua prosperidade econômica e o sistema democrático, enquanto busca oportunidades similares, senão iguais, para seus amigos e aliados no Hemisfério Ocidental. Hoje, essa política mantém um enfoque similar por intermédio de iniciativas conscientes das mudanças dramáticas na região e no mundo desde o final da Guerra Fria e a necessidade de tomar medidas para lidar com cada caso. O país ainda procura alcançar seus objetivos de segurança nacional por meio de uma estratégia de engajamento e expansão que continua a priorizar a segurança, prosperidade e democracia, não somente neste hemisfério, mas no resto do mundo.***

---

amigos e aliados no Hemisfério Ocidental. Hoje, essa política mantém um enfoque similar por intermédio de iniciativas conscientes das mudanças dramáticas na região e no mundo desde o final da Guerra Fria e a necessidade de tomar medidas para lidar com cada caso. O país ainda procura alcançar seus objetivos de segurança nacional por meio de uma estratégia de engajamento e expansão que continua a priorizar a segurança, prosperidade e democracia, não somente neste hemisfério, mas no resto do mundo.

Engajamento, ou seja engajamento militar, através da educação e adestramento, tem sido, e permanece sendo, um meio eficaz para implementar parte de nossa estratégia nacional. Porém, este tipo de engajamento não é exclusivamente americano. Outros países tais como a Argentina, o Chile, a França, Alemanha e o Japão executaram e executam programas similares mesmo que não se aproximem da escala ou do nível profissional do programa norte-americano. Na área de cooperação entre as forças armadas, os EUA não têm igual e, sem exceção, as forças armadas no mundo procuram alcançar o nível profissional e ético, os valores e o estado de modernização militar americano. Para este fim, não há melhor método para estabelecer relações pessoais e profissionais do que por meio de um programa sólido e internacional de treinamento e educação profissional.

Em nosso hemisfério, numerosas instituições educacionais e de treinamento para pessoal estrangeiro evoluíram para proporcionar treinamento especializado às nossas

próprias forças armadas. Na antiga Zona do Canal do Panamá, os EUA estabeleceram instituições de treinamento tais como o Centro de Treinamento Latino-Americano Divisão Terrestre, a Academia Interamericana da Força Aérea, a Academia Interamericana de Polícia e a Escola de Treinamento Técnico e Instrução de Pequenas Embarcações da Marinha. Estes centros educativos e de treinamento evoluíram com a política externa dos EUA e as necessidades regionais do Comandante do Comando unificado dos EUA responsável pela área. Os currículos melhoraram e aumentou-se o número de alunos. Os EUA convidaram os países latino-americanos e do Caribe a participarem. O resto é história. A política externa americana, combinada com as metas e objetivos do sistema interamericano, têm ajudado o ressurgimento de governos democráticos no Hemisfério Ocidental.

Cada vez mais, vemos resultados incríveis provenientes do simples fato de que uma pessoa, ou pessoas, estiveram em uma instituição particular de educação ou treinamento. Este relacionamento abre a porta, na ausência de outras indicações, a uma confiança inicial recíproca que expande e cresce a uma velocidade e nível raramente encontrados em outras profissões. Isto permite o acesso necessário aos líderes, que tomam as decisões que podem influenciar as resoluções de crises ou lidam e oferecem soluções relativas aos assuntos de interesse mútuo. Esse fato ocorre rotineiramente em nosso hemisfério. Vejam dois exemplos: Na década de 60 um conflito fronteiriço entre o Chile e a Argentina, foi evitado quando os comandantes das duas forças em confronto perceberam que haviam atendido a mesma instituição profissional de educação militar. Com base nisso, e mais a vontade de ambos em resolver a questão, evitando derramamento de sangue, prepararam uma proposta que foi acatada e adotada por seus superiores. Mais recentemente, o Peru e o Equador foram à guerra sobre uma disputa fronteiriça. Os EUA, juntos com a Argentina, o Brasil e o Chile, intervieram como pacificadores e iniciaram um processo de paz que foi aceito por ambas as partes. A preocupação imediata era ter um plano que separasse as respectivas forças armadas e estabelecesse uma área desmilitarizada. Entre os membros das delegações dessas nações, incluindo o Peru e Equador, estavam três militares que se conheciam por terem cursado a mesma instituição militar americana. Usando dessa amizade, assim como o conhecimento profissional, eles foram instrumentos essenciais no desenvolvimento de um plano aceito por todos os interessados. Graças a isso foi alcançada a paz no que potencialmente teria evoluído para um novo conflito armado.

Durante a década passada, contavam-se anedotas de planos de golpes de estado que foram evitados por simples telefonemas ou visitas entre os líderes de serviços militares de outros países que tinham sido colegas

Um grupo de estudantes internacionais recebe instrução no terreno, como parte do curso oferecido na Escola das Américas.



Fotos: Escola das Américas

*Os oferecimentos americanos de educação e treinamento de pessoal estrangeiro, no exterior ou em casa, são algumas das atividades internacionais de valor dos EUA (engajamentos) para promover as relações bilaterais e multinacionais, ensinando outros a agirem por si próprios. Os meios educacionais e de treinamento militar dos norte-americanos produzem graduados não somente melhor educados e informados, mas também permitem o estabelecimento de uma relação mútua benéfica entre indivíduos (relacionamentos pessoais) e são quase sempre proveitosas às nações participantes (relacionamentos profissionais).*

em salas de aula ou membros docentes da escola. Relacionamentos pessoais ou profissionais permitem acesso a indivíduos-chave em situações críticas.

Não obstante o fato que relacionamentos individuais e profissionais muitas vezes têm sido usados para o bem, também é verdade que estes meios de educação e treinamento profissional permitem eventos mais eficientes em países estrangeiros. O pessoal das Embaixadas norte-americanas tendem a procurar, nos países onde se encontram, militares treinados nos EUA. Os líderes militares desses países também procuram aproximar-se do pessoal das Embaixadas dos EUA por meio de seu próprio pessoal treinado por, ou com, forças americanas. Mesmo não sendo um requisito para um evento de treinamento combinado, um treinamento anterior nos EUA, ou com forças americanas, proporciona uma melhor experiência. Um relacionamento prévio geralmente significa que os líderes se entendem melhor e podem começar de um ponto além da continuidade do treinamento. Os soldados prova-

velmente foram expostos aos valores e éticas do pessoal dos EUA. Em muitos casos, o líder americano foi exposto a métodos militares estrangeiros e transferiu alguns destes ao seu próprio pessoal, facilitando a sua assimilação e aceitação por uma força local. Temos testemunhado os resultados das operações de apoio após o furacão *Mitch*, das operações multinacionais de remoção de minas iniciadas em Honduras e que agora se espalham região afora, dos numerosos e bem-sucedidos esforços antidrogas e do maior nível de participação em operações de manutenção da paz sob encargo da ONU.

Tão surpreendentes quanto os relatos de crises evitadas, são as historietas sobre os esforços das pessoas, que cursaram uma instituição militar americana, visando modernizar e desenvolver uma força armada para que essa venha a ser um suporte sério e honesto de um governo democrático civil livremente eleito, ao invés de ser a própria dirigente. Dezenas de milhares de homens e mulheres profissionais têm atendido as



Participantes da 10ª Conferência Latino-Americana realizada na Escola das Américas no Forte Benning, Geórgia, no período de 28 a 30 de agosto de 2000.

*O Secretário do Exército propôs fechar a Escola das Américas do Exército dos EUA e apoiar o Secretário de Defesa no estabelecimento de um novo instituto do Departamento de Defesa, para treinamento e educação profissionais. A Escola das Américas, desenvolvida no início da Guerra Fria para dar prosseguimento ao Centro do Caribe do Exército dos EUA, fechou após ter completado com sucesso todas as missões e tarefas que lhe foram consignadas durante mais de 37 anos. Seus graduados coletivamente ficaram firmes face à Guerra Fria, muitos tendo feito o supremo sacrifício. Os resultados — democracias emergentes, economias mais fortes e o início de um período de paz.*

instituições de treinamento e educação dos EUA retornando a seus países com diferentes perspectivas e métodos comprovados para lidarem com determinadas situações. A mudança nem sempre ocorre de repente. Este tem sido e continuará a ser um esforço a longo prazo por causa das perspectivas históricas e políticas das forças armadas das Américas. Estas continuam a se ajustarem e procurarem métodos mais eficazes e eficientes.

Na medida em que o mundo evoluiu na era pós-Guerra Fria, o Departamento de Defesa e o governo dos EUA ampliaram sua responsabilidade, no início dos anos 90, após a queda do Muro de Berlim, para com este tipo de treinamento e educação profissional. Em 1993, o Departamento de Defesa desenvolveu planos para um centro cívico-militar voltado à educação e ao treinamento de líderes civis e militares dos países anteriormente controlados pela antiga União Soviética. Para este fim, o Departamento de Defesa estabeleceu e continua a operar o *Marshall Center* na Alema-

nia. Seguindo o modelo deste centro, o Departamento de Defesa expandiu suas ofertas com o estabelecimento do Centro Pacífico/Asiático no Havaí e o Centro Hemisférico de Estudos de Defesa (Ocidental) em Washington, DC. O Departamento de Defesa brevemente estabelecerá centros similares na África e Oriente Médio. Estes centros proporcionarão o treinamento e a educação do pessoal envolvido com o desenvolvimento, e a instalação e manutenção de um plano nacional que irá estabelecer e manter o processo democrático. Eles não servem somente aos interesses das nações que os atendem, mas servem, por outro lado, como um meio de alcançar nossas próprias metas e objetivos de segurança nacional. Trata-se de uma ação cooperativa.

Os Secretários de Defesa e do Exército levaram esse engajamento um passo mais adiante. Reconhecendo os relacionamentos muito especiais entre os EUA e os países das Américas, desenvolveram uma iniciativa para proporcionar uma educação melhor e mais

ampla e um meio de treinamento a esses países.

O Secretário do Exército propôs fechar a Escola das Américas do Exército dos EUA e apoiar o Secretário de Defesa no estabelecimento de um novo instituto do Departamento de Defesa, para treinamento e educação profissionais. A Escola das Américas, desenvolvida no início da Guerra Fria para dar prosseguimento ao Centro do Caribe do Exército dos EUA, fechou após ter completado com sucesso todas as missões e tarefas que lhe foram consignadas durante mais de 37 anos. Seus graduados coletivamente ficaram firmes face à Guerra Fria, muitos tendo feito o supremo sacrifício. Os resultados — democracias emergentes, economias mais fortes e o início de um período de paz.

Os Secretários de Defesa e do Exército, honrando as contribuições do passado e reconhecendo a necessidade de manter esse meio de engajamento, abriram um novo instituto sob o controle do Departamento de Defesa. Este instituto providenciará não somente o treinamento necessário e a educação de liderança militar aos futuros líderes militares das Américas, mas também aos futuros líderes civis e da polícia. Aproveitará as experiências dos instrutores militares e dos membros docentes civis. O instituto beneficiar-se-á da supervisão independente e técnica de suas tarefas por membros do Congresso, dos docentes e das organizações religiosas e não governamentais de nossa região. Seu departamento de Operações de Apoio à Paz ficará sob a direção de um membro do Departamento de Estado, enquanto as operações militares ficarão sob a supervisão do pessoal do Departamento de Defesa, peritos do Exército no assunto. A polícia e os serviços militares terão representantes docentes e existem planos para estabelecer três posições para membros convidados no instituto.

Neste momento em que o crime internacional está ameaçando a estabilidade regional, incluindo o tráfico de drogas, nossas forças de segurança são chamadas a se integrarem cada vez mais, lidando com civis que exercem tarefas afins. Devem entender que aprender sobre os métodos de cada um em lidar com esses civis é uma prioridade. O respeito pelos direitos civis e hu-

---

*Na medida em que o mundo evoluiu na era pós-Guerra Fria, o Departamento de Defesa e o governo dos EUA ampliaram sua responsabilidade, no início dos anos 90, após a queda do Muro de Berlim, para com este tipo de treinamento e educação profissional. Em 1993, o Departamento de Defesa desenvolveu planos para um centro cívico-militar voltado à educação e ao treinamento de líderes civis e militares dos países anteriormente controlados pela antiga União Soviética. Para este fim, o Departamento de Defesa estabeleceu e continua a operar o Marshall Center na Alemanha.*

---

manos por parte dos representantes das forças de segurança de uma nação é sua vanguarda na capacidade de ganhar a confiança e o apoio da comunidade internacional. Os funcionários civis do estado devem compreender como operam as forças de segurança que controlam e como melhor empregá-las com a máxima eficiência. A educação e o treinamento fazem parte integral nesse processo.

O novo Instituto do Departamento de Defesa proporciona um meio especial para unir esses indivíduos para aprenderem, discutirem e talvez, mudarem uma ou mais perspectivas a respeito um do outro. De qualquer forma, este novo instituto é o próximo capítulo num longo e bem-sucedido programa do serviço militar dos EUA, que satisfaz as necessidades de educação e treinamento profissional dos futuros líderes militares, e agora, também, dos futuros líderes policiais e civis das nações das Américas. Proporcionará, outrossim, os meios para relacionamentos pessoais duradouros. Esperemos que esta nova instituição seja bem-sucedida. **MR**

---

*Kenneth A. LaPlante é perito em assuntos latino-americanos junto à empresa Core Processes, Incorporated, uma firma contratada para assessorar o Subsecretário do Exército para Assuntos Internacionais (DUSA-IA). Possui dois títulos de bacharel em ciências com especialização em educação, e mestrado em Artes, com especialização em Administração. Graduou-se com mérito pelo Programa de Espanhol do Instituto de Idiomas do Departamento de Defesa. Retirou-se do Exército após cumprir mais de 27 anos como oficial de infantaria pára-quedista. Entre suas designações militares destacam-se seu serviço como primeiro oficial de ligação do Exército dos EUA em Assunção, Paraguai; como Chefe da Seção Latino-Americana da Divisão Político-Militar do Estado-Maior do Exército dos EUA; assessor à Delegação dos EUA perante o Conselho de Defesa Interamericana e a Comissão Conjunta de Defesa entre o México e os EUA; e como o Comandante do Grupo Militar dos EUA na Venezuela. Prestou também serviços na Escola das Américas do Exército dos EUA.*